

## DAS CAVERNAS AOS CONDOMÍNIOS FECHADOS

O título eu tomei emprestado do meu colega Walter Antonio Bazzo. Sem que ele soubesse. Mas é por uma boa causa.

Uma vez o Walter me confidenciou que estava pensando num livro com este título. O tempo está passando e até agora nada. Mas livro é assim mesmo. Lutamos com uma ideia, às vezes anos a fio. Ela nos cutuca, provoca, foge das mãos, de repente aparece logo ali, adormecida feito um anjinho. De uma hora para outra acende uma luz de alerta numa dessas madrugadas de insônia, luz que incomoda. No entanto a ideia continua em banho-maria. Às vezes nem respira, mas ela está lá, vivinha da silva. E eis que um dia a represa mostra seu viço e transborda feito cachoeira “véu de noiva”, dessas de cartão postal, e temos de colher e ordenar a água que jorra livre, leve e solta.

Por ora vou apenas cutucar, incentivar.

Nossos ancestrais encontraram abrigo seguro nas cavernas. Vento, chuva, frio e predadores foram deixados do lado de fora; essa estratégia proporcionou por alguns momentos um relativo conforto, notadamente nas noites, que é quando os medos fazem valer os seus poderes. À noite, o escuro esconde segredos e mistérios difíceis de deslindar. Inimigos e predadores se esgueiram na penumbra e podem atacar de todos os lados. Vigiando ou protegendo a saída/entrada da caverna, o perigo fica encurralado, quase expurgado, com poucas possibilidades de ação.

No breu das noites, é muito mais difícil ler os humores do tempo, perscrutar as suas intenções. Ficamos à deriva no mar revolto das madrugadas, aguardando a calma que a luz do sol proporciona. Afastá-lo, pois, é prudente, é item de primeira necessidade, pois os nossos demônios são poderosíssimos.

As técnicas de construção de moradias mais sólidas, a organização social mais elaborada e as táticas de defesa nos tornaram menos imunes aos agravos das incertezas.

A natureza já anda bastante controlada em suas manifestações mais corriqueiras, e pouco nos metem medo suas inclemências mais comezinhas. Terremotos, vulcões, tsunamis, ciclones, enchentes..., eventos extraordinários, parece que estão aí mais para nos lembrar de nossa pequenez perante a grandiosidade da natureza. Porém, apenas uma casa de tijolo e cimento é pouco para a parada dura inadvertidamente gestada no embalo de nosso desenvolvimento social.

Hoje temos iluminação artificial, dentro e fora de nossas cavernas. Mas parece que elas não têm paredes nem teto; como se tivessem sido erigidas com uma desconcertante matéria virtual. Tudo parece ser entrada/saída. Estamos ao relento. Protegidos do vento, da chuva e do frio, mas ao relento, desarmados perante o pior de nossos predadores: os nossos semelhantes.

“O homem é o lobo do homem” parece que tem alcançado uma magnitude que até Thomas Hobbes duvidaria. Há leviatãs, parecidíssimos conosco, espreitando por tudo quanto é canto, no aguardo de descuidos ou fraquezas. E eles vêm em carne e osso ou eletronicamente, do inimaginável mundo do nunca.

Para controlarmos tudo isso, estamos criando uma nova caverna – que aparenta ter uma só saída/entrada – toda adornada com alegorias tecnológicas de segurança, um dos principais itens associados ao produto.

Não satisfeitos com o conforto de uma caverna de tijolo e cimento, criamos comunidades de cavernas dentro de comunidades, uma redoma de vidro pretensamente imune às inclemências dos desvios do bicho homem. Com essa nova casamata supostamente indevassável, compramos esperanças vãs de segurança. Toda uma parafernália tecnológica – e um conjunto de indivíduos treinados – daria sustentação para a manutenção da segurança prometida.

Ledo engano. Quanto mais sofisticados os sistemas de segurança, mais sofisticados e ousados são os ataques dos “predadores”. Parece que depositamos na tecnologia esperanças de nos protegermos de nós próprios. Seriam as nossas vãs utopias, nas quais nos escoramos para buscar soluções que a tecnologia não comporta.

Os condomínios fechados que maquinamos talvez não passem de novíssimas cavernas de Platão, nas quais nos internamos para apreciar projeções da vida que não queremos ver.

Estamos no aguardo do livro.